

LESLEY PEARSE

SONHOS PROIBIDOS

TRADUZIDO DO INGLÊS POR

MÁRIO DIAS CORREIA

ASA

*Para Harley MacDonald, o meu novo
e maravilhoso neto, nascido a 5 de março de 2010.
E para a Jo e o Otis por terem feito de mim
uma avó orgulhosa e feliz outra vez.*

AGRADECIMENTOS

Evelyne Noailles, pela sua inestimável ajuda e pesquisa em tudo o que é francês. Deus a abençoe, fez muito mais do que era seu dever.

Jane Norton, a minha querida e sábia amiga que me pôs em contacto com a Evelyne. Hei de tentar calcular o valor da ajuda, um dia.

Jo Prosser, por ter estado disposta a ouvir incontáveis repetições da intriga e ter dado provas de uma notável coragem enquanto deambulávamos por Paris a fazer pesquisa. Que teria eu feito sem ti?

Al Rose, pelo seu maravilhoso livro *Storyville, New Orleans*, que tanto me ajudou a escrever a respeito do famoso bairro da lanterna vermelha. Uma obra fantástica que trouxe à luz um lugar e uma época fascinantemente perversos.

Finalmente, mas de modo algum menos importante, a minha querida editora na Penguin Books, Mari Evans. Sem o teu encorajamento, apoio e amizade, talvez tivesse sucumbido ao escrever este livro. Houve momentos em que me pareceu tão comprido e difícil como a gestação de um elefante, mas tu mantiveste-me concentrada com o teu entusiasmo e o teu conselho.

CAPÍTULO 1

Londres, 1910

— **D**eves ser puta. Vives num bordel! Belle, quinze anos, recuou um passo e olhou, consternada, para o rapaz ruivo e sardento. Correrá atrás dela rua abaixo para lhe entregar a fita que lhe caíra do cabelo, o que era por si só uma coisa invulgar nas buliçosas ruas de Seven Dials, onde praticamente toda a gente metia ao bolso tudo o que não estivesse pregado ao chão. Mas então ele apresentara-se: chamava-se Jimmy Reilly, chegara recentemente a Londres e era sobrinho de Garth Franklin, proprietário do Ram's Head. Tinham conversado um pouco e Jimmy perguntara-lhe se podiam ser amigos. Belle ficara entusiasmada; achava-o simpático e calculava que devia ser mais ou menos da sua idade. E então ele estragara tudo perguntando-lhe se não se importava de ser uma puta.

— Se vivesse num palácio não seria necessariamente uma rainha — retorquiu, irritada. — É verdade que vivo no Annie's Place, mas não sou uma puta. A Annie é minha mãe!

Jimmy ergueu para ela os olhos castanhos cheios de contrição.

— Peço desculpa por ter percebido mal. O meu tio disse-me que o Annie's é um bordel, de modo que quando te vi sair de lá... — Calou-se, atrapalhado. — Palavra que não queria ofender-te.

Belle ficou ainda mais confusa. Que se lembrasse, nunca conhecera ninguém que quisesse saber se a ofendia ou não. A mãe com certeza não queria, e as raparigas da casa também não.

– Não faz mal – respondeu, pouco segura de si mesma. – Não podias saber, não vives cá há tempo suficiente. O teu tio trata-te bem?

Jimmy encolheu os ombros.

– É um bruto – declarou Belle, presumindo que Jimmy já tivera oportunidade de travar conhecimento com os punhos do tio, pois era do conhecimento geral que Garth Franklin fervia em pouca água. – Tens mesmo de viver com ele?

– A minha mãe estava sempre a dizer que o procurasse se lhe acontecesse alguma coisa. Morreu o mês passado e o tio pagou o funeral e disse-me para vir para cá aprender o ofício.

Belle deduziu, pelo tom sombrio, que se sentia obrigado a ficar.

– Lamento que tenhas perdido a tua mãe – disse. – Quantos anos tens?

– Quase dezassete. O meu tio diz que tenho de praticar boxe para ganhar músculo – respondeu Jimmy, com um sorriso travesso. – A minha mãe costumava dizer que era melhor um homem ter miolos do que ter músculos, mas talvez eu possa ter as duas coisas.

– Não partas do princípio de que todas as raparigas são putas, ou não viverás o suficiente para ganhar músculo – disse Belle, a provocá-lo. Gostava dele; tinha um sorriso encantador e uma delicadeza que o tornava diferente de todos os outros rapazes do bairro.

Seven Dials não ficava muito longe das lojas elegantes de Oxford Street, dos teatros de Shaftesbury Avenue ou até da grandiosidade de Trafalgar Square, mas era como se pertencesse a outro mundo. Uma boa parte dos seus prédios de apartamentos e casebres desordenados tinha sido demolida nos últimos vinte anos, mas com o mercado de frutas e legumes de Covent Garden ainda a ocupar-lhe o centro, e tantas ruas estreitas, pátios e vielas em redor, os novos edifícios depressa se tinham tornado tão degradados como os antigos. Os residentes eram, no geral, o refugio da sociedade – ladrões,

prostitutas, mendigos, vadios e patifes –, a viver lado a lado com gente pobre que desempenhava as tarefas mais humildes – varredores de rua, cantoneiros e operários. Numa cinzenta e fria manhã de janeiro, com tanta gente a tentar proteger-se do frio com pouco mais do que farrapos, era uma visão deprimente.

– Da próxima vez que salvar a fita de uma rapariga bonita, vou ter muito cuidado com o que lhe digo – prometeu Jimmy. – O teu cabelo é encantador, nunca tinha visto uns caracóis tão pretos e brilhantes, e também tens uns olhos muito bonitos.

Belle sorriu. Sabia que os cabelos compridos e encaracolados eram, em matéria de beleza, o seu grande trunfo. A maior parte das pessoas estava convencida de que ela os frisava todas as noites e lhes punha óleo para os tornar brilhantes, mas eram assim naturalmente; tudo o que fazia era escová-los. Os olhos azuis vinham de Annie, mas tinha de presumir que era ao pai que devia os cabelos, pois os da mãe eram castanho-claros.

– Obrigada, Jimmy – disse. – Continua a elogiar as raparigas dessa maneira e vais ter muito êxito por estas bandas.

– Em Islington, de onde vim, nenhuma rapariga falaria com alguém como eu.

Belle quase nunca saía de Seven Dials, mas sabia que Islington era onde viviam as pessoas respeitáveis, da classe média. Presumiu, pelo último comentário dele, e pelo facto de ter sido o tio a pagar o funeral, que a mãe trabalhara lá no serviço doméstico.

– A tua mãe era cozinheira ou governanta? – perguntou.

– Não, era modista, e até ganhava bastante bem. Até adoecer.

– E o teu pai?

Jimmy encolheu os ombros.

– Pôs-se a andar mais ou menos pela altura em que eu nasci. A minha mãe dizia que era um artista. O tio Garth diz que era um cretino e um estupor. Seja como for, não o conheci, nem quero conhecer. A minha mãe costumava dizer que graças a Deus era uma boa modista.

– Ou podia ter tido de vir trabalhar para o Annie’s Place? – disse Belle, maliciosamente.

Jimmy riu.

– És esperta. Gosto disso – respondeu. – Então, podemos ser amigos?

Belle limitou-se a olhar para ele durante um minuto. Era talvez cinco centímetros mais alto do que ela, com feições regulares, e falava bem. Não exatamente de uma maneira elegante, como um cavalheiro, mas também não usava a linguagem rude e salpicada de calão londrino que a maior parte dos rapazes de Seven Dials adotava. Calculou que tinha sido chegado à mãe, e por isso protegido do género de excessos de bebida, violência e vício que por ali grassavam. Gostava dele, e também ela precisava de um amigo.

– Gostaria muito – disse, e estendeu o dedo mindinho como Millie, no Annie’s Place, costumava fazer quando oferecia amizade. – Tens de esticar também o dedo mindinho – explicou com um sorriso, e quando o dedo dele se enganchou no dela, sacudiu a mão. – Fazer amigos, fazer amigos, nunca, nunca quebrar uma amizade – cantou.

Jimmy respondeu com um sorriso ternurento e Belle ficou a saber que tinha gostado do que ela dissera.

– Vamos a um sítio qualquer? – sugeriu ele. – Gostas de St. James’s Park?

– Nunca lá fui – respondeu ela. – Mas agora tenho de voltar para casa.

Pouco passava das nove da manhã, e Belle tinha feito o que tantas vezes fazia: escapulir-se para apanhar um pouco de ar fresco enquanto ainda estava toda a gente a dormir.

Talvez ele tivesse adivinhado que ela não estava desejosa de voltar para casa e que a ideia de um passeio a tentava, pois pegou-lhe na mão, enfiou-a debaixo do braço e começou a andar.

– É muito cedo, ninguém dará pela tua falta – disse. – O parque tem um lago, e patos, e vai ser bom apanhar um pouco de ar. Não fica longe.

Belle sentiu formar-se-lhe no peito uma pequena vaga de excitação. Tudo o que a esperava em casa era despejar baldes de água suja e acarretar carvão para as lareiras. Não precisou de mais persuasão para ir com Jimmy, mas lamentou não ter posto a sua melhor capa azul-escura com o capuz debruado a pele. Sentia-se deselegante com a velha capa cinzenta.

Enquanto percorriam o dédalo de vielas até Charing Cross Road, e daí em direção a Trafalgar Square, Jimmy continuou a falar-lhe da mãe, e fê-la rir com histórias a respeito das senhoras ricas para quem ela costumava fazer vestidos.

– Mrs. Colefax era a que conseguia mesmo fazê-la perder a paciência. Era enorme, com ancas como as de um hipopótamo, mas acusava a minha mãe de lhe cobrar tecido a mais e com o que sobrava fazer qualquer coisa para si mesma. Um dia, a minha mãe não aguentou mais e disse-lhe: «Mrs. Colefax, tenho de recorrer a todo o meu engenho para lhe fazer um vestido com seis metros de crepe. O que sobra não daria para fazer um colete para um gafanhoto.»

Belle riu, a imaginar a mulher gorda de corpete e saiote a fazer a prova de um vestido.

– E o que foi que ela disse a isso?

– «Nunca fui tão insultada.» – Jimmy imitou Mrs. Colefax falando numa voz aguda e ofegante. – «Fazia bem em lembrar-se de quem eu sou.»

Detiveram-se para ver as fontes de Trafalgar Square, e em seguida atravessaram rapidamente a rua em direção ao Mall.

– Não achas o palácio magnífico? – perguntou Jimmy, quando passaram por baixo do Admiralty Arch e o Palácio de Buckingham lhes surgiu em todo o seu pálido esplendor no extremo mais distante do Mall. – Adoro escapar-me do Ram's Head e ir ver sítios bonitos. Faz-me acreditar que valho mais qualquer coisa do que ser o moço de recados do meu tio.

Até àquele momento, nunca passara pela cabeça de Belle que os sítios bonitos pudessem inspirar alguém, mas quando entraram

em St. James's Park e viu como a geada transformava ramos nus, arbustos e relva num espetáculo refulgente, compreendeu o que Jimmy queria dizer. A débil luz do sol rompia por entre as espessas nuvens e os cisnes, gansos e patos do lago deslizavam sem esforço pela água. Era um mundo diferente do de Seven Dials.

– Quero ser modista de chapéus – confessou. – Passo todos os meus tempos livres a desenhar chapéus. O meu sonho é ter uma pequena loja no Strand, mas nunca tinha falado disto a ninguém.

Jimmy pegou-lhe nas duas mãos e puxou-a para si. O hálito dele era como fumo no ar gelado, quente na cara fria dela.

– A minha mãe costumava dizer que quando queremos muito uma coisa, podemos sempre consegui-la – disse. – Tudo o que tens de fazer é descobrir a maneira de lá chegar.

Belle olhou para o rosto sardento e sorridente que tinha à sua frente e perguntou-se se ele queria beijá-la. Não tinha experiência daquelas coisas; criada no meio de mulheres, os rapazes eram um mistério para ela. Mas tinha uma sensação estranhíssima dentro do peito, como se estivesse a derreter-se, o que era ridículo com aquele frio.

– Vamos só dar uma volta pelo parque, e depois tenho mesmo de voltar para casa. A Mog já deve andar à minha procura – disse apressadamente, porque aquela estranha sensação estava a pô-la nervosa.

Começaram a atravessar com passos rápidos a ponte por cima do lago.

– Quem é a Mog? – perguntou ele.

– Acho que lhe chamarias a criada, ou a governanta, mas para mim é mais do que isso – respondeu Beth. – É como se fosse mãe, tia e irmã mais velha numa só pessoa. Sempre foi ela que cuidou de mim.

Enquanto caminhavam em passo acelerado pelo parque, Jimmy falou de como seria agradável no verão, de livros que tinha lido e da escola que frequentara em Islington. Não lhe perguntou nada

sobre a casa dela; Belle calculou que por medo de dizer qualquer coisa errada.

Pouco depois, demasiado depressa, pareceu a Belle, estavam de regresso a Seven Dials, e Jimmy disse que a sua primeira tarefa quando chegasse seria acordar o tio com uma chávena de chá, e depois esfregar o chão da adega.

– Podemos voltar a ver-nos? – perguntou com um ar ansioso, como se estivesse à espera de uma recusa.

– Consigo sair quase todas as manhãs a esta hora – respondeu Belle. – E geralmente por volta das quatro da tarde também.

– Estarei à tua espera, então – disse ele, com um sorriso. – Gostei muito do nosso passeio. Ainda bem que a tua fita caiu.

CAPÍTULO 2

Belle sentiu-se um pouco vazia enquanto via Jimmy afastar-se por Monmouth Street. Durante aquela hora, fora livre e feliz, mas sabia que mal entrasse em casa seria para voltar a uma série de tarefas, incluindo despejar bacios e limpar e acender lareiras.

Tinham mais em comum do que Jimmy pensava. Ele aturava um tio com mau feitio, ela uma mãe com mau feitio. Estavam ambos rodeados de pessoas, mas Jimmy sentia-se claramente tão só como ela, sem amigos da sua idade com quem conversar.

O sol, que fizera uma aparição fugaz enquanto estavam no parque, voltara a esconder-se atrás de nuvens escuras, e o homem que vendia fósforos na esquina gritara-lhes, quando tinham passado, que ia nevar. Por muito relutante que Belle estivesse em entrar, fazia demasiado frio para continuar na rua.

Sabia muito pouco do mundo para lá de Seven Dials. Nascera na mesma casa onde ainda vivia. A história era que a mãe dera à luz sozinha, num dos quartos do primeiro piso, enfiara a bebé numa gaveta embrulhada numa velha manta e voltara a descer ao salão com as outras raparigas como se nada tivesse acontecido.

Aprendera ainda muito pequena que tinha de ser praticamente invisível. O seu lugar, a partir do momento em que ficara demasiado grande para dormir na gaveta, era na cave da casa, e nunca podia

subir aquelas escadas depois das cinco da tarde ou perguntar à mãe o que se passava lá em cima.

Frequentara uma pequena escola em Soho Square, entre os seis e os dez anos. Fora lá que aprendera a ler e a escrever e a fazer somas, mas isso acabara repentinamente depois de uma desavença qualquer entre a mãe e a professora. Tivera então de ir para uma escola muito maior, que detestara, e ficara bastante aliviada quando a tinham deixado sair, com catorze anos. Mas, desde então, os dias tinham começado a parecer-lhe intermináveis e aborrecidos. No entanto, quando um dia expressara estes pensamentos em voz alta, a mãe caíra-lhe em cima e perguntara-lhe se preferia ser criada de copa ou vender flores nas ruas como tantas raparigas da idade dela eram obrigadas a fazer. Nenhum dos dois trabalhos lhe parecera apetecível: a rapariga que vendia flores um pouco mais abaixo na rua era tão magra e esfarrapada que parecia que um golpe de vento seria o suficiente para a levar.

Annie também não gostava que ela andasse, como dizia, «a vadiar pelas ruas». Belle não sabia muito bem se por reear que se metesse em sarilhos ou por não querer que ouvisse rumores a seu respeito.

Num dos seus raros momentos de nostalgia e comunicação, Annie contara-lhe que fora a favorita da «Condessa», que dirigia a casa na época em que ela nascera. Não fora o afeto daquela mulher, e ter-se-ia visto posta na rua e reduzida ao asilo e ao trabalho forçado. Explicara também que a Condessa ganhara a alcunha por ter uns modos altivos e por ter sido, nos tempos da sua juventude, uma verdadeira beldade, com admiradores de elevado estatuto. Fora um desses admiradores, que se dizia ser membro da família real, que a instalara na casa de Jake's Court.

Quando Belle era ainda muito pequena, a Condessa adoecera e Annie cuidara dela durante mais de um ano. Para a recompensar, a mulher fizera um testamento em que lhe deixava tudo.

Desde essa altura que Annie geria a casa. Contratava e despedia, fazia as vezes de anfitriã e tratava do dinheiro. Dizia-se em Seven Dials que era uma boa gestora, apesar de ser dura como pedras.

Belle ouvira a palavra «bordel» ao longo de toda a infância mas não sabia exatamente o que significava, apenas que era uma coisa de que não se falava na escola. O Annie's Place era também conhecido como uma «casa de meninas». Anos antes, Belle perguntara à mãe o que queria aquilo dizer e fora-lhe dito que era um lugar para entretenimento de cavalheiros. O modo como Annie respondera bastara para lhe dizer que não perguntasse mais.

Em Seven Dials, qualquer mulher ou rapariga que se vestisse de uma maneira vulgar, tivesse modos um pouco mais frívolos ou atrevidos e gostasse de beber e dançar podia ter quase a certeza de ser considerada uma puta. Era um termo pejorativo, claro, mas tantas vezes usado que acabara por ganhar um toque quase afetuoso, da mesma maneira que as pessoas chamam a alguém «uma sirigaita» ou «uma bruxa». Por tudo isto, até poucos meses antes Belle acreditara que o negócio da mãe era apenas uma festa que se repetia todas as noites e onde os cavalheiros podiam conhecer jovens desempoeiradas e divertidas para tomar uma bebida e dançar.

Recentemente, porém, através de canções indecorosas, piadas e conversas ouvidas, chegara à compreensão de que os homens tinham uma determinada espécie de necessidade e que era para satisfazer essa necessidade que frequentavam lugares como o Annie's.

Os pormenores do que isso implicava, ainda não os descobrira. Não podia interrogar Annie nem Mog a respeito do assunto, e as raparigas tinham demasiado medo de incorrer na ira da patroa para divulgar quaisquer segredos a Belle.

À noite, deitada na sua cama na cave, chegavam-lhe aos ouvidos ecos da alegria que reinava lá em cima: o piano a tocar, o tilintar de copos, gargalhadas masculinas, pés a bater no chão e a dançar, e até canções. Parecia tão divertido. Por vezes, desejava muito ousar subir a escada pé ante pé e espreitar por uma fresta da porta.

No entanto, por mais que desejasse saber toda a verdade a respeito do negócio da mãe, alguma coisa lhe dizia que havia também

um lado escuro. Por vezes ouvira choros, súplicas e até gritos, e tinha plena consciência de que as raparigas nem sempre eram felizes. Havia muitos dias em que desciam para o jantar com os olhos avermelhados e comiam num silêncio pesado e sombrio. Ocasionalmente, uma delas tinha um olho negro ou marcas nos braços. Mesmo nos seus melhores dias, estavam sempre pálidas e abatidas. E também não eram simpáticas para com ela. Mog dizia que era por a julgarem uma espia por conta de Annie, e por inveja. Inveja de quê, perguntava-se Belle – ao fim e ao cabo, não tinha mais do que elas –, mas a verdade era que nunca a incluíam nas suas conversas, e calavam-se sempre que a viam aparecer.

Só Millie, a mais velha, era diferente. Sorria-lhe e gostava de conversar. Mas Millie não regulava muito bem da cabeça; esvoaçava de assunto em assunto como uma borboleta, incapaz de manter uma conversa com princípio, meio e fim fosse com quem fosse.

Mog era, na realidade, a sua única amiga, e de longe mais uma mãe para ela do que Annie. O seu verdadeiro nome era Mowenna Davis e tinha nascido nos vales de Gales. Quando era pequena, Belle não conseguia dizer Mowenna, e chamava-lhe Mog, e o nome pegara. Mog dissera-lhe certa vez que se alguém agora a tratasse por Mowenna não reconheceria o nome como seu.

Magra, de aspeto vulgar, perto dos quarenta, com cabelos castanhos baços e olhos azul-claros, Mog trabalhava na casa, como criada, desde os doze anos. Talvez fosse a sua vulgaridade que a mantinha a limpar chão e a acender lareiras envergando um vestido preto e avental e touca brancos em vez dos vistosos cetins e dos cabelos enfeitados com fitas das raparigas lá de cima. Mas só ela era constante naquela casa. Não fazia cenas, não discutia, não se zangava. Tratava das suas tarefas domésticas com serena felicidade, inabalável na sua devoção a Annie e no seu amor por Belle.

A porta da frente do Annie's Place dava para Monmouth Street, ou pelo menos ficava recolhida num pequeno beco que desembocava